

6 Lá vem o crocodilo... Exercícios vocais para crianças de 7 a 10 anos

Patricia Costa

Colégio São Vicente de Paulo
pccantocoral@gmail.com



Ilustração: Isabel Ferraz

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar a professores e educadores musicais, não inteiramente familiarizados com o trabalho vocal de crianças na faixa de 7 a 10 anos, algumas informações básicas sobre suas características vocais. Para tanto tecerei também considerações sobre procedimentos de trabalho que podem favorecer o canto coletivo em sala de aula. Visando ilustrar possibilidades da voz infantil, recorrerei a um jogo de voz falada, por mim intitulado Marchinha de Noé.

Palavras-chave: coro infantil; técnica vocal; jogos vocais

Here comes the crocodile... Vocal exercises for children between 7 and 10 years old

Abstract: *The aim of this paper is to present teachers and music educators, not entirely familiar with the vocal work of children between 7 – 10 years old, some basic information about their vocal characteristics. For this I will make also considerations about some procedures that could help singing together in the classroom. Aiming to illustrate possibilities of the child's voice, I will use a game with spoken voice, titled by me as Marchinha de Noé.*

Keywords: *childrens' choir; vocal technique; vocal games*

COSTA, Patricia. Lá vem o crocodilo... Exercícios vocais para crianças de 7 a 10 anos. *Música na Educação Básica*. Brasília: 2013.

Introdução

Em tempos de implementação da lei que torna obrigatório o ensino de música nas escolas, o canto coral surge como uma possibilidade viável (“simples e barata”) para que professores (especialistas ou não) possam adotar a atividade em seu dia a dia. Tenho sido frequentemente convidada a dar palestras e workshops para grupos de educadores cujo objetivo é, justamente, buscar conhecimento e técnica para formar e manter um coral dentro da sala de aula.

No entanto, muitas são as dúvidas de procedimento, uma vez que conduzir um coral não é o ato de, simplesmente, reunir um grupo de crianças para cantar simultaneamente. Na impossibilidade de uma formação específica – e levando-se em conta que muitas são as demandas para contemplar as exigências vigentes em relação às práticas musicais de sala de aula – tenho objetivado compartilhar algumas atividades que julgo serem possíveis para todos aqueles que estão se iniciando na regência coral ou, mais especificamente, para os que se veem obrigados a recorrer à atividade do canto coletivo em seus planejamentos.

A partir de um jogo de voz falada, que explicarei no decorrer deste texto, farei algumas considerações sobre a voz infantil e suas possibilidades.

Breves aspectos da voz infantil

Vamos começar estabelecendo que crianças têm vozes iguais, certo? Se você estiver de olhos fechados e ouvir uma criança falando ou cantando, não conseguirá saber se é um menino ou uma menina; mas saberá que é uma criança!

Portanto, ao formar um coral e dividir em, digamos, duas vozes, meninos e meninas estarão misturados nos naipes e não, erroneamente, meninos no naipe de voz grave e meninas no naipe de voz aguda.

Estão preparadas para um trabalho coral com divisão de vozes crianças a partir de, aproximadamente, 8 anos de idade. Antes disso, as crianças têm muito prazer em cantar em grupo, mas ainda não conseguem se desprender da própria produção vocal para perceber a mistura da sua voz com as demais vozes. Sendo assim, trabalho em uníssono é muito indicado numa primeira etapa para que, mesmo os pequenos iniciantes, comecem a ter a noção do canto em grupo, exercitando respirar junto, atacar e cortar com os coleguinhas, alcançar a nota exatamente onde foi pedido, etc.

Já um pouco mais velhas, as crianças aprendem a timbrar e a cantar percebendo as outras vozes, que é o objetivo do canto coral, enfim. E que critérios utilizaremos para dividir as vozes das crianças entre graves e agudas? CONFORTO! Primeiramente, conforto.

A voz cantada deve ser uma extensão da voz falada. Se falarmos com naturalidade, entoaremos com facilidade. Se, ao falar, a criança apresenta uma voz sopro, rouca ou com falhas, antes de começar a cantar no seu coral esta deverá ser avaliada por um otorrinolaringologista (que terá condições de fazer o diagnóstico e de indicar o tratamento adequado).

Algumas crianças entoam com facilidade notas agudas, na região denominada “voz de cabeça”. Outras privilegiam o canto na região conhecida como “voz de peito”, numa tessitura mais grave. No entanto, observamos – eu e outros regentes de coro infantil – que é na região da voz de cabeça (aguda) que a criança consegue maior brilho, acuidade e beleza na sua produção vocal. Sempre que ouvimos um coro infantil e pensamos “Nossa... parecem anjos cantando!” estamos, certamente, ouvindo crianças cantando na voz de cabeça.

Mas, afinal, como conseguimos ter certeza de que a criança está entoando dessa forma? Repasso aqui os ensinamentos do maestro Henry Leck, do *Indianapolis Childrens’ Choir* (Butler University, Indiana, EUA) cujo trabalho, internacionalmente reconhecido, tem trazido muitas respostas para nós, regentes de coro infantil.



Para saber mais:

<http://www.butler.edu/music/bios-faculty-staff/henry-leck/>

Certa vez ouvi-lo comparar o trabalho com um *vocalise*¹ à forma como acariciamos um gato. Disse ele:

Só há duas maneiras de você acariciar um gato: da cabeça para a cauda, ou... da maneira errada!! Se acariciamos um gato “de baixo pra cima” o animal vai estranhar. Da mesma maneira, ao fazer um *vocalise* com seus pequenos cantores, busque fragmentos descendentes, isto é, começando da nota mais aguda em direção à nota mais grave. O primeiro esforço será para atingir a nota mais aguda do fragmento e depois o exercício será mais fácil. Isto, certamente, evitará as tensões comuns à medida que o exercício vai ficando mais agudo, subindo-se por semitons.²



Podemos ainda recorrer ao ditado “pra baixo todo santo ajuda”. Também no canto, será mais fácil descer do que subir...

Se você utiliza teclado em suas aulas, comece pelo acorde de fá maior, na região média do instrumento. O exercício a ser cantado será uma escala descendente na sequência 5-4-3-2-1, com a vogal “u”, por exemplo. A quinta de fá é dó. Ao entoar o dó 4, a criança estará certamente cantando com voz de cabeça. Por este motivo, não começamos o exercício com o acorde de dó maior; sendo a nota sol o quinto grau de dó, esta poderia ser entoada tanto na voz de cabeça quanto na voz de peito, o que prejudicaria a verificação do canto que estamos buscando. Já começando em fá maior, se a criança consegue alcançar a primeira nota (dó 4), não restará dúvida de que ela está entoando com voz de cabeça, o que deverá trazer-lhe conforto e leveza na produção vocal.

Se você não tem teclado, simplesmente perceba se o que escuta é um som agudo, suave, sem esforço e que se propaga no recinto delicadamente. Algumas crianças confundem quando pedimos mais volume, chegando a mudar a nota (ou mesmo baixar o tom do que está cantando) para atingir a ressonância de peito, pois tal modo de cantar dará à criança a sensação (errônea) de maior potência na voz. No entanto, é na região da voz de cabeça que o som “viaja” no ar e se propaga de forma mais contundente, podendo chegar até a última



1) *Vocalise* é um fragmento musical que tem por objetivo o aquecimento da voz para a atividade ou busca desenvolver algum aspecto daquilo que queremos cantar. Comumente é uma pequena escala, entoada repetidamente, subindo e/ou descendo de meio em meio tom.

2) Depoimento colhido durante um dos muitos workshops no Festival Gran Finale (São Paulo) que frequentei de 1996 aos dias de hoje.

fila das cadeiras do auditório. Não obstante, a tessitura aguda entoada dessa maneira será bastante protetora para a voz infantil, por não demandar esforço do trato vocal para atingir o som desejado. Já a ressonância de peito costuma dar a sensação de potência para quem canta, mas não atinge o espaço da mesma maneira, chegando a “morrer” logo nas primeiras filas. Além disso, poderá criar tensões de laringe que poderão trazer problemas futuros.

Portanto, o que buscamos num coro infantil, ainda que iniciante, é que todas as crianças consigam entoar com voz de cabeça, para que a produção vocal atinja de forma satisfatória afinação, timbre, equilíbrio do grupo, acuidade do canto e beleza.

Vale observar ainda que a voz feminina adulta, assim como o falsete masculino, é concomitante à voz infantil, embora ambos tenham diferenças de timbre e de amplitude de som. Por conseguinte, nem tudo que parece confortável para uma professora ou para um professor cantando no falsete será, necessariamente, confortável para o canto infantil.

Aquecimento

A etapa de aquecimento vocal é muito importante, por objetivar diversos aspectos: concentração, percepção do som do grupo, desenvolvimento do timbre individual e coletivo, o exercício da transposição cromática (ascendente e descendente) e, sobretudo, a preparação do aparelho fonador para os desafios do repertório. Basicamente, podemos separar o aquecimento em cinco metas (dentre outras): postura, respiração, ressonância, articulação e afinação. Exemplificarei, a seguir, possibilidades de prática para trabalharmos tais metas.

Postura

Objetivo: buscar relaxamento (pescoço, ombros, costas, etc.) e uma posição ereta que beneficie a coluna de ar.

Procedimento: pedir que todos fiquem de pé, braços relaxados ao longo do corpo, olhando para frente sem elevar o queixo, pés paralelos ligeiramente afastados, coluna ereta. Chamar de Posição 1.

Em seguida, pedir que os alunos se sentem mantendo, proporcionalmente, a posição da coluna, da cabeça e dos braços. Chamar de Posição 2.

Por último, pedir que se inclinem para trás, utilizando o encosto da cadeira, relaxando completamente o corpo. Chamar de Posição 3.

A partir daí, a criança passa a perceber a diferença de prontidão entre as posições sentadas (2 e 3) e, aos poucos, compreende que para cantar haverá uma posição ideal (Posição 1), que poderá ter seus parâmetros mantidos na Posição 2.

O professor pode fazer um jogo de atenção, pedindo ao grupo que faça as posições solicitadas (alternadas), como uma espécie de jogo de “morto e vivo”.

Respiração

Objetivo: expandir e desenvolver a consciência da capacidade respiratória.

Procedimento: imaginar que uma mão segura uma vela e a outra uma flor. Em

seguida, fazer o movimento de cheirar a flor e apagar a vela. Repetir algumas vezes, podendo inserir uma contagem de tempo para cada movimento, buscando conscientizar a proporcionalidade de inspiração x expiração. Será uma boa alternativa também inserir, entre a inspiração e expiração, o tempo de pausa com pulmão cheio e com pulmão vazio. Pode-se, posteriormente, aumentar a contagem gradativamente, para que a criança perceba o exercício como um desafio para expandir o tempo de inspiração e expiração.

Ressonância

Objetivo: conscientizar as diferentes nuances de vibração do som no corpo.

Procedimento: pedir que as crianças coloquem uma mão no topo da cabeça e outra na altura do peito. Em *bocca chiusa*, descendo e subindo em glissando (escorregar, sem saltos), entoar sons agudos e graves e observar onde o corpo vibra.

Pode-se também usar o mesmo procedimento, pedindo que a mão seja colocada na testa, em cima do nariz, no queixo, etc.

Articulação

Objetivo: desenvolver a consciência das formas da boca, que fundamentarão o som do coro.

Procedimento: utilizando a canção O sapo não lava o pé na tonalidade de dó ou ré maior, pedir que cantem todas as palavras com uma única vogal. Ex: U supu num luvu pu...

Alternar as vogais e sublinhar a posição diferente da boca, para cada uma das etapas. Observação: no canto, utilizamos sete sons de vogais. São eles: a, é, ê, i, ô, o, u.

Afinação

Objetivo: exercitar a acuidade de produção sonora mudando-se o tom do trecho.

Procedimento: utilizar apenas a primeira frase da cantiga *Pai Francisco* entrou na roda. Subir e descer de meio em meio tom como se fosse um vocalise tradicional; começando na tonalidade de fá maior, ir até – digamos – a tonalidade de si maior e descer novamente, agora até a tonalidade de ré maior (para explorar notas graves também). Após as crianças terem compreendido a mudança cromática, passar a transpor por saltos, tocando o acorde quatro vezes para que dê tempo de todos perceberem a nova tonalidade pedida.

São exemplos de procedimentos básicos, que poderão ser modificados e/ou acrescentados, de acordo com a demanda do grupo e a criatividade do professor.

Divisão de vozes

Sugiro agora um exercício de preparação para a sofisticação do posterior trabalho com divisão de vozes:

1. Dividir o grupo e escolher uma música simples em uníssono; por exemplo, *Ciranda, cirandinha*. Proponho a tonalidade de fá maior, ou próxima disso.

2. Metade canta um verso enquanto a outra metade escuta.

Ex: Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar (grupo 1).

Vamos dar a meia-volta (grupo 2).

Volta e meia vamos dar (todos).

3. Ir alternando os versos ordenadamente (como descrito acima).

4. Ao perceber que as crianças já entenderam quando devem cantar, mudar a demanda e escolher o grupo aleatoriamente, para que elas fiquem atentas à regência e aprendam a distinguir o momento em que, mesmo sabendo a música toda, deverão cantar ou calar.

5. Pedir que algum pequeno voluntário venha reger os dois grupos³.

Marchinha de Noé


Em meu trabalho à frente de coros infantis e juvenis, tenho feito contato com diversos professores de música, regentes e preparadores vocais. Esses profissionais costumam utilizar brincadeiras e jogos de cunho popular e de tradição oral – muitas vezes aprendidos na infância – que podem nos trazer momentos muito interessantes para o desenvolvimento de nossos pequenos cantores.

Através do tecladista Danilo Frederico⁴, conheci uma versão em português da cantiga de roda *Ci son due cocodrilli*, muito próxima do original italiano, que fala dos animais que entraram na Arca de Noé.



No intuito de compreender ritmicamente o exercício, experimente primeiro bater palma nas setas que aparecem na partitura apresentada mais adiante. Mesmo que não seja familiarizado com a grafia musical, esse procedimento inicial poderá auxiliar na compreensão dos tempos desse rap.

Sendo um exercício falado, para cada frase há um gesto característico que permite à criança evocar o animal mencionado⁵, conforme descrevo a seguir. As sílabas ou letras maiores são indicativas do tempo forte de cada frase.

 3) É muito interessante e rico vermos nossos pequenos alunos regendo. Embora o gesto de regência seja fundamental para aquele ou aquela que vá se aprofundar na prática coral, os gestos naturais de comunicação não verbal podem transmitir muitos significados a quem está sob nossa regência. Mesmo não sendo um especialista ou não tendo praticado exercícios de regência, é possível descobrir códigos claros para que o grupo expresse aquilo que intencionamos. Ver uma criança espontaneamente “reger” um grupo nos mostra esta possibilidade.

4) Regente e preparador vocal carioca, atuando nos colégios São Vicente de Paulo e Cruzeiro.

5) O vídeo com o exemplo dos gestos está disponível no YouTube (ver <http://www.youtube.com/watch?v=P0p5xh0Uqps&feature=youtu.be>).

Lá vem o cro-co-dii-lo

Palma da mão esquerda para cima, palma da mão direita para baixo, juntas e na posição horizontal, dando a impressão de imitar a boca do crocodilo. Abrimos e fechamos “a boca” quatro vezes, enquanto falamos a palavra “crocodilo”, batendo os tempos do compasso.

O-ran-go-taan-go

Mãos fechadas, cotovelos levemente dobrados; uma mão sobe e a outra desce, como que imitando o balanço dos braços e patas do orangotango quando anda, também nos tempos do compasso.

As du-as ser-pen-ti-nhas

Mãos na frente do corpo, em movimento ondulatório simultâneo assimétrico para cima, imitando o movimento de duas cobras.

A á-gui-a re-al

Braços e mãos ao lado, cotovelos para baixo e pulsos flexionados, mãos esticadas, imitando o movimento das asas de um pássaro, também nos tempos do compasso.

O gato

As duas mãos na cabeça, palmas da mão para frente, representando as orelhas do gato.

O rato

As duas mãos para baixo, dorso da mão para baixo, na região do queixo, representando os dentes do rato.

Não faltou ninguém

Dedo indicador para cima e oscilando para esquerda, direita e de novo para esquerda, fazendo um grande “não”.

Só não se vii-a

Uma das mãos esticada acima dos olhos, palma da mão para baixo, como se estivesse se protegendo do sol para enxergar melhor à sua volta.

O Saci Pererê

Pular três vezes numa perna só.

Uma vez assimilados os versos e seus movimentos, vamos retirando os nomes dos animais, mantendo apenas os gestos respectivos.

Assim, ouviremos na primeira vez:

Lá vem o ... (mãos, imitando a boca do crocodilo, batem três vezes)

Orangotango,

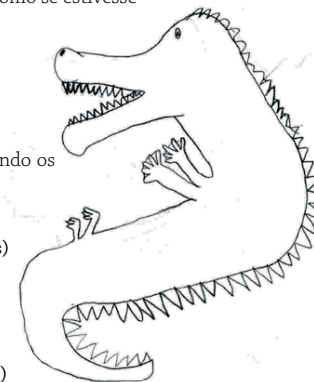
As duas serpentinhas, etc.

Já na segunda vez, ouviremos:

Lá vem o... (mãos, imitando a boca do crocodilo, batem três vezes)

... (mãos, imitando o balanço do orangotango, sobem e descem três vezes)

As duas serpentinhas, etc.



E na terceira vez:

Lá vem o... (mãos, imitando a boca do crocodilo, batem três vezes)
 ... (mãos, imitando o balanço do orangotango, sobem e descem três vezes)
 ... (sobem em três tempos, no movimento das cobras)
 E assim sucessivamente...

Note-se que o exercício terá sempre o fragmento “Lá vem o” como ponto de início, embora já não se escute nenhum outro verso na última rodada. Depois, se houver tempo e se o grupo estiver receptivo, podemos ir colocando de volta cada verso, começando do último “o Saci Pererê” até chegarmos no “crocodilo” novamente.

Esse exercício falado ajuda as crianças a desenvolverem a sensação interna de pulso, andamento e contagem de tempo. Ao mesmo tempo, exercita e organiza a memória (gestual, inclusive). E é muito divertido!

Aproveitando esse mesmo jogo, a preparadora vocal carioca Malu Cooper compôs – sem saber da existência da cantiga italiana – uma pequena e brasileiríssima marchinha, utilizando a métrica e os versos desse jogo, cuja partitura encontra-se mais adiante. Bati-zei-a de *Marchinha do Noé*. O vídeo explicativo pode ser assistido no YouTube (ver <http://www.youtube.com/watch?v=rL-UScGdsY4&feature=youtu.be>).

Marchinha do Noé
 Melodia composta por Malu Cooper
 Letra: versão em português de cantiga de roda italiana

Lá vem o cro-co-di-lo, o -
 ran-go-tan-go, as du-as ser-pen-ti-nhas, a
 á-gui-a re-al, o ga-to, o ra-to,
 não fal-tou nin-guém, só não se vi-a o Sa -
 ci Pe-re-rê! Lá vem o ci-Pe-re-rê!

A transcrição da marchinha na tonalidade de Ré maior tem em vista privilegiar o canto na voz de cabeça, muito embora a nota inicial seja bem abaixo do que defendi até aqui como ideal para vozes infantis. No entanto, sendo este Lá2 uma nota de passagem e observando-se a música como um todo, percebo que as crianças entoam com leveza nessa região. Porém, se o seu grupo tiver dificuldades com uma determinada tonalidade, será sempre possível de se avaliar a transposição para outra tonalidade mais confortável.

Considerações finais

Com criatividade, interesse e alguma ousadia, podemos desenvolver a prática do canto coletivo infantil com infinitas possibilidades. Compartilhando experiência, busquei apontar aspectos básicos que, a meu ver, compõem as demandas fundamentais para que o trabalho inicial saia a contento. Espero que este texto possa auxiliar profissionais da educação musical e demais colegas na construção e desenvolvimento de uma atividade musical que atraia, estimule e envolva a participação das crianças no coro infantil.

Referências

CANTO, CANÇÃO, CANTORIA: como montar um coral infantil. 2. ed. São Paulo: Sesc, 1977.

LACKSCHEVITZ, E. et al. Entrevista. In: LACKSCHEVITZ, E. (Org.). *Ensaíos: olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006. p. 50-90.

MARTINS, W.; ANDRADE, D. Pedagogia coral com vozes em muda vocal: uma análise da metodologia de Henry Leck. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL IA-UNESP, 4.; ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 8., 2012, São Paulo. Anais..., São Paulo: Abem, 2012. p. 1109-1119.

PHILLIPS, K. H., *Teaching kids to sing*. New York: Schirmer Books, 1992.

RAO, D. *Choral music experience: the young singing voice*. New York Boosey & Hawkes, 1987.

VERTAMATTI, L. R. G. *Ampliando o repertório de coro infanto-juvenil: um estudo de repertório inserido em uma nova estética*. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

Vídeos

THE BOY'S changing voice: expanding. Milwaukee: Hal Leonard Corporation, 2001. 1 DVD.

VOCAL TECHNIQUES for the young singer. By Henry Leck. Indianapolis: Colla Voce Music, 2000. 1 DVD. 63 min.